

SHERRILYN
KENYON
noite silenciosa

Tradução de Rita Carvalho e Guerra



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

*Não procure a morte. A morte encontrar-te-á.
Mas procura o caminho que fará da morte uma satisfação.*
— DAG HAMMARSKJOLD

Prólogo

NO INÍCIO o mundo era feito de beleza e magia. Antes de existirem seres humanos, havia deuses e aqueles que os serviam e faziam a sua vontade, fosse esta qual fosse. Em guerra uns com os outros, os deuses lutavam entre si até que nasceu uma nova raça da sua violência sem sentido. De seu nome Chtonianos, estas novas criaturas nasceram da terra tornada vermelha pelo sangue dos deuses.

Os Chtonianos ergueram-se e dividiram o mundo entre os deuses — dividiram o mundo entre eles.

Para manter a paz, os soldados dos deuses receberam ordens para serem abatidos. Nenhum deles deveria sobreviver. A lei Chtoniana tinha primazia e, juntos, foram capazes de trazer a paz ao mundo, uma vez mais, e proteger a nova forma de vida que era a humanidade.

No entanto, os Chtonianos não eram imunes à corrupção. Também não eram infalíveis.

Não tardou a que também eles lutassem entre si.

E assim o tempo avançou. A humanidade amadureceu e aprendeu a ignorar os deuses e a magia existente no seu mundo. Incapaz de lutar sozinho, a humanidade escolheu ignorar.

«Balelas». «Tretas». «Fantasia». «Contos de fadas». Essas são algumas das muitas palavras que o homem usou para denegrir aquilo que não podia ser explicado pela sua suposta ciência. O empirismo tornou-se a sua religião.

Não existiam sombras a seguir vítimas inocentes. Isso não passava de partidas pregadas pela mente humana. Por uma imaginação demasiado ativa.

Os lobos não podem transformar-se em seres humanos e os seres humanos não podem transformar-se em ursos. Todos os deuses antigos estão mortos — relegados para histórias mitológicas que todos sabemos serem falsas.

E no entanto...

Que barulho foi este do lado de fora da janela? Seria o uivo do vento? Talvez um cão vadio?

Ou seria algo mais sinistro? Um verdadeiro predador?

O subtil levantar dos pelos do pescoço pode não ser nada mais do que pele de galinha. Ou podem ser os mortos a passar por perto. A mão de um deus ou servo invisível que por nós passa.

O mundo já não é novo. Já não é inocente.

E os antigos estão cansados de serem ignorados. Os ventos que sussurravam mais cedo no pátio não eram a terna carícia de uma mudança no tempo. Eram uma sirene que só podia ser ouvida por certas criaturas sobrenaturais.

Neste preciso momento, essas forças juntam-se e unem-se.

Desta vez, querem algo mais do que o sangue dos deuses e uns dos outros.

Querem-nos a nós...

E nós estamos à sua mercê.

Capítulo

UM

STRYKER fez uma pausa enquanto olhava para o Tártaro. O seu pai, o deus grego Apolo, tinha-o levado ali uma vez, há milénios, quando não passava de uma criança, para conhecer o tio-avô Hades, que reinava sobre o Submundo Grego e supervisionava os antigos mortos. Nesse dia, o pai também concedera a Stryker um dom raro e útil. A capacidade de entrar e sair do Submundo, para que Stryker pudesse visitar o tio. Em criança, Stryker ficara aterrizado com o deus negro, cujos olhos só se tornavam mais suaves quando olhava para a esposa, Perséfone.

Felizmente, Perséfone estava ali, com Hades, naquele momento e o deus estava demasiado ocupado com ela para se aperceber da presença no seu domínio de um semideus que não fora convidado. Hades podia ser extremamente temperamental em relação a esse tipo de insultos.

Em especial quando o deus não convidado transportava consigo um frasquinho de vidro contendo sangue poderoso. Para ser mais exato, sangue de Tífon. Filho do deus primordial Tártaro, em cuja honra fora batizada aquela parte do domínio de Hades, Tífon era mortal e letal. O seu poder seria suficiente para derrubar até Zeus, o rei dos deuses. Pelo menos até os deuses do Olimpo se terem aliado para encurralar Tífon sob o monte Etna.

— Obrigado por não terem sido capazes de o matar — disse Stryker, erguendo o frasquinho para poder ver o sangue vermelho-escuro e luminescente que tinha tirado ao Titã encurralado.

Com aquilo, Stryker podia acordar os mortos e trazer de volta o mais poderoso dos flagelos.

War, a guerra.

Agarrando o frasquinho com força, Stryker dirigiu-se para a zona mais profunda do Tártaro. Aquele nível estava destinado, em exclusivo, às bestas e deuses que os olímpicos tinham derrotado. Àqueles que eles temiam mais do que todos os outros.

Contudo, era o túmulo mais distante, aquele que Stryker descobrira acidentalmente quando era criança, que agora o chamava. Na escuridão que o rodeava, ainda conseguia ver a expressão de medo nos olhos do pai...

«O que é aquilo, pai?» Stryker apontara para as estátuas de dois homens e uma mulher.

Apolo ajoelhou-se ao seu lado. «São o que resta dos Machae.»

«Os quê?»

«Os espíritos da guerra.» Apolo apontara para o mais alto, ao fundo. De estatura enorme e com a constituição de um guerreiro, a estátua fizera com que Stryker, então com sete anos, arquejasse, temendo que aquele ser regressasse à vida para o magoar. «Aquele é War, a guerra. O mais temível dos Machae. Foi criado por todos os deuses da guerra para matar os Chtonianos. Diz-se que ele e os seus servos os caçaram até os deixarem à beira da extinção. Numa batalha final que se estendeu por três meses inteiros, War reprimiu os Chtonianos até estes o terem enganado. Cercado, soltou um grito poderoso enquanto os seus poderes eram presos por um feitiço e, depois, foi lançado para a estase em que agora se encontra. Aqui permanece até que alguém o acorde.»

Para a mente infantil de Stryker aquele parecera um castigo muitíssimo duro. Ignóbil e cruel. «Porque é que os deuses não o mataram?»

«Não éramos suficientemente fortes. Mesmo unindo os nossos poderes, não tínhamos a capacidade para pôr fim à sua vida.»

Na altura, nada disso fazia sentido para Stryker. «Não compreendo porque é que os deuses temem tanto os Chtonianos. São apenas humanos.»

«Com os poderes de deuses, filho. Nunca te esqueças disso.

Só eles nos podem matar sem destruir o universo e devolver a nossa essência à Fonte primitiva que nos deu origem.»

«Então porque é que os Chtonianos não matam os deuses e tomam o seu lugar?»

«Porque, quando nos matam, enfraquecem os seus próprios poderes e isso deixa-os vulneráveis, uns aos outros e a nós. Por isso, eles policiam-nos e nós obedecemos por medo de morrer.» Apolo olhara para War nesse momento, os seus olhos revelando um estranho fascínio. «Apenas War era imune aos seus poderes. Infelizmente, também é imune aos nossos. Quando Ares e os restantes deuses da guerra compreenderam a dimensão do seu poder, concluíram que era melhor mantê-lo aqui escondido para o resto da eternidade.»

«Eles não compreenderam o seu poder quando o fizeram?»

Apolo despenteara o cabelo louro e curto de Stryker. «Por vezes não compreendemos o quão destrutoras são as nossas criações até ser demasiado tarde. E por vezes as nossas criações viram-se contra nós e procuram matar-nos, embora as tenhamos amado e ajudado.»

Stryker cerrou os dentes perante a memória das palavras do pai. Quão verdadeiras se tinham revelado. Stryker virara-se contra o pai e o próprio filho virara-se contra ele.

Ali estavam eles. Em guerra.

War...

Stryker abriu o jazigo húmido que cheirava a terra fresca e a bolor. Ergueu a mão e usou os seus poderes para acender as tochas de teia de aranha que já não eram acesas há séculos. A luz era forte e tremeluzia contra as paredes e os restos mortais dos últimos três Machae.

Fez uma pausa junto à mulher. De aspeto pequeno e frágil, Ker era a personificação da morte cruel e violenta. Implacável e capaz de se multiplicar em numerosos demónios chamados Keres, tinha, outrora, assombrado os campos de batalha e arrancado as almas aos moribundos. Tinham sido os seus poderes a inspirar a deusa atlante Apollymi a salvar os *apollite* e a dar-lhes uma oportunidade de contornar a injusta maldição lançada por Apolo.

Salve Ker e os seus poderes...

A estátua seguinte era o espírito Mache. A batalha. A mão direita de War. A forma plural do seu nome tinha sido utilizada para designar todos os espíritos do conflito. Ele era a sua espinha dorsal.

No entanto, quando comparado com War, era fraco.

Como Ker, não passava de um subproduto da força destrutiva que Stryker procurava.

Um sorriso lento curvou-lhe os lábios enquanto passava pelos dois seres menores e se aproximava daquele que desejava acordar. Não mais um gigante aos seus olhos, War era, na verdade, vários centímetros mais baixo — o que, tendo em consideração que Stryker media mais de dois metros, não era de surpreender. O corpo de War era tão musculoso quanto Stryker se recordava de ter visto há onze mil anos. Mesmo em estase, a presença e o poder de War eram inegáveis e inspiradores de um respeito profundo. Stryker conseguia senti-los no ar; senti-los nos arrepios que corriam ao longo da sua coluna em sinal de aviso. Aquela criatura significava a morte para todos os que se atravessassem no seu caminho. Vestido como um soldado antigo, o deus usava uma couraça decorada com a cabeça de Equidna.

Stryker estendeu o braço para tocar em War. Mal os dedos de Stryker tocaram na pedra, uma luz iluminou a sala, transformando em carne o mármore branco. A couraça era feita de aço coberto de ouro; uma saia de batalha de cabedal preto com tachas de ouro e um manto completavam o conjunto assustador. A espada nas mãos de War, que emergia parcialmente da sua bainha de cabedal preto, revelou o seu aço.

Uns olhos negros cravaram-se em Stryker.

Depois o mármore regressou. Branco. Frio. Fantasmagoricamente imaculado. War dormia mais uma vez e, no entanto, Stryker conseguia sentir a sua consciência a vibrar no ar à sua volta. War ansiava por ser libertado.

— Tu queres sair — sussurrou Stryker ao espírito. — Eu quero vingar-me de um deus que não posso tocar. — Tirou a rolha do frasquinho e ergueu-o. — Do sangue dos Titãs para o sangue dos Titãs, eu, Strykerius, devolvo-te à tua forma em troca de um ato contra os meus inimigos.

Inclinou o frasco de tal forma que o sangue escuro não fez

mais do que sujar-lhe a ponta do dedo. O seu poder feroz queimou-lhe a carne. Sim, o sangue de Tífon era tão poderoso quanto o deus outrora temido. Semicerrando os olhos, Stryker deslizou o dedo pelos lábios do espírito adormecido.

— Aceitas os meus termos, War?

Apenas os lábios se transformaram em carne.

— Aceito.

— Então sê bem-vindo ao mundo dos vivos.

Stryker despejou o sangue na boca do espírito.

Mal o fez, ecoou um grito violento, extinguindo as tochas e afogando-os na escuridão.

— NÃO!

Stryker riu-se do grito indignado de Hades. Era já demasiado tarde. Um vento violento cortou através da sala quando War regressou à vida com um grito de batalha tão feroz que ecoou através da câmara e fez com que os malditos enjaulados estremecessem. As tochas explodiram, iluminando-se de novo, enchendo a sala com tanta luz que Stryker teve de proteger os olhos.

Hades apareceu com Ares ao seu lado. Os deuses tentaram atingir War com os seus raios, mas era inútil.

War riu-se antes de responder ao seu ataque. A sua força atirou-os ao chão como folhas numa tempestade. A alegria nos seus olhos negros mostrava que o espírito sentia grande prazer na sua crueldade. Com os lábios retorcidos num sorriso, War virou-se para Stryker.

— Quem queres que mate por ti?

— Acheron Parthenopaeus e Nick Gautier.

War embainhou a espada.

— Considera-o feito.

Stryker agarrou o braço de War quando este começava a desaparecer.

— Uma palavra de aviso, o mundo já não é como antes. — Entregou ao espírito uma pequena sacola que continha um par de calças de ganga pretas, uma camisa preta e botas. — Talvez não seja má ideia largares a saia e a armadura. É só uma achega.

War dirigiu-lhe um sorriso escarninho, mas acabou por aceitar as roupas e desaparecer. Stryker virou-se para os deuses. Ares

estava inconsciente e Hades abanava a cabeça, tentando desanuviá-la.

O negro deus do Submundo fitou Stryker com desagrado e raiva, enquanto se erguia sobre Ares tentando reanimá-lo.

— Fazes alguma ideia do que acabaste de libertar?

Stryker não sabia bem o que sentir em relação àquela condenação.

— Crueldade, pestilência, ira, violência, derradeiro sofrimento... que outros *dons* é que os deuses lhe concederam?

— Acertaste nos mais importantes. No entanto, antes de o libertares, devias ter-te dado ao trabalho de aprender que ele destrói sempre aquele que o comanda. Não serás exceção. — Hades apontou para a sala. — Olha à tua volta. Este buraco a que chamamos Tártaro é tudo o que resta do deus primordial. A sua morte às mãos de War foi o que levou a que todos os panteões combinassem os seus poderes com os Chtonianos para o conter. E isso aconteceu numa altura em que éramos adorados e mantínhamos todos os nossos poderes. Já não somos assim tão fortes.

Bem, isso era algo em que Stryker não se dera ao trabalho de pensar. Não que importasse. Estava mais do que pronto a abdicar da sua vida — desde que levasse os seus inimigos consigo.

— Ups — disse Stryker, a sua voz carregada de sarcasmo. — Parece que fiz asneira. A incapacidade para compreendermos as consequências dos nossos atos irrefletidos deve ser de família. De pouco me serviu que o meu pai fosse o deus da profecia, hã?

Os olhos de Hades tornaram-se vermelho-sangue.

— Ele vai destruir os humanos.

Stryker dirigiu-lhe um sorriso de escárnio.

— Não te vi defender a raça *apollite* quando o meu pai *nos* condenou a alimentarmo-nos do sangue uns dos outros e a sofrer uma morte violenta aos vinte e sete anos, porque uma mão-cheia de *apollite* matou a sua prostituta miserável. Se bem me lembro, todos vocês nos viraram as costas e abandonaram na escuridão como ratazanas cuja existência queriam esquecer.

Hades abanou a cabeça.

— Poderia matar-te, mas um melhor destino será deixar-te à mercê da coisa que acabaste de libertar. Voltarei a ver-te aqui quando já não estiveres vivo.

Stryker não emitiu qualquer comentário enquanto via Hades a acordar Ares. Aborrecido com ambos, regressou a Kalosis, que seria o seu destino depois da morte. O reino infernal atlante era a sua casa desde o dia em que virara as costas ao pai e se aliara à deusa que reinava sobre aquele domínio. Apollymi era a dona da sua alma. Tinha-lha entregue de boa vontade no dia em que o pai amaldiçoara toda a raça de Stryker por algo que apenas uma mão-cheia de soldados tinha feito.

Stryker não queria voltar a ter mais nada a ver com os gregos.

Amargamente divertido com o facto de que, provavelmente, Apollymi apreciaria ainda mais do que Hades a sua tortura eterna, Stryker regressou ao seu gabinete, onde guardava um globo, a *sfora*, que lhe permitiria espiar o seu inimigo. Pelo menos Acheron.

Quanto a Nick, Stryker poderia ver através dos seus olhos sempre que quisesse. Era uma das regalias que tinha reclamado quando ligara o sacana a si. Infelizmente, contudo, não havia muito para ver, já que Nick optara por se manter isolado do mundo e de todos os que Stryker queria espiar.

Estava farto dos lamentos de Nick.

Para já, Stryker queria assistir à morte de Acheron. Passando a mão sobre o globo, viu as nuvens a dissipar-se, revelando-lhe o deus que mais desejava enterrar...

O filho mais querido de Apollymi.

Stryker revirou o lábio ao descobrir Acheron numa cena bizarra digna de Norman Rockwell. Que pitoresco. Acheron estava em casa, em Katoteros, o reino paradisíaco atlante, aparando uma árvore de Natal com a namorada, Soteria. Havia algo quase retorcido no facto de um deus antigo respeitar um costume humano para fazer a vontade da sua amante. Os dois pareciam tão felizes e doces que sentia vontade de vomitar.

Isso estava tudo prestes a mudar.

Recostando-se na sua cadeira, Stryker esperou.

— OHH, *akri*, a Simi pode comer isso?

Ash Parthenopaeus fez uma pausa ao ouvir atrás de si a voz do seu demónio. Virando-se, viu Simi a olhar fixamente para o anjo de vidro que tinha na mão.

Envergando uma saia gótica plissada, vermelha e preta, e um espartilho, Simi tinha na cabeça um gorro de Pai Natal que lhe escondia os pequenos chifres de demónio. Como o de Ash, o seu cabelo era absolutamente preto e chegava-lhe à cintura.

Antes que Ash pudesse responder, Soteria dirigiu a Simi um sorriso doce e tolerante que o fez derreter. O seu cabelo castanho estava puxado para a frente em dois totós e, em absoluta contradição com o estilo gótico de Ash, envergava um par de calças de inverno brancas e uma camisola vermelha com uma rena branca. A t-shirt de manga comprida de Ash era preta, com uns esqueletos de rena a puxar um trenó retorcido.

— Hum, por favor, Simi — disse Soteria —, não comas isso. Esse tem sido o meu anjo em cima da árvore desde que eu era pequena. Escolhi-o numa loja de artigos natalícios, na Grécia, com os meus pais.

Simi fez beicinho.

— Então posso comer o chocolate?

— Sem dúvida.

Simi guinchou antes de agarrar na barra de chocolate *Hershey* que Soteria tinha deixado sobre a mesinha de centro perto deles e correu para o saborear.

Soteria riu.

— Bolas. Ia partilhá-lo contigo, mais tarde.

Ash colocou o anjo no cimo da árvore, o que, tendo em conta os seus mais de dois metros de altura, não era muito difícil.

— Não faz mal. Abomino o sabor do chocolate.

Soteria puxou a fita prateada do ornamento em forma de urso que tinha na mão.

— Até te pedia uma explicação, mas sempre que te pergunto porque é que tens aversão a algo, a resposta parte-me o coração. Por isso, vou apenas garantir que não te compro chocolates no Dia de S. Valentim.

— Obrigado.

Percorrendo a distância que os separava, Ash puxou-a para os seus braços para lhe dar um beijo rápido. Os seus lábios mal a tinham tocado quando um relâmpago brilhante o cegou. Inspirou para censurar o seu mordomo, Alexion, pela intromis-

são, mas antes que conseguisse falar, algo chocou contra ele e fê-lo cair.

Soteria virou-se para enfrentar o intruso. Esperando deparar-se com a deusa grega Ártemis, ficou chocada ao ver um homem alto, muitíssimo bem constituído. A brutalidade no seu rosto só encontrava igual na sua beleza. Todo ele vestido de preto, passou por ela como se ela não passasse de uma peça de mobiliário inofensiva, avançando para Acheron.

Soteria invocou os seus poderes para o atingir mas, quando tentou, descobriu que estes eram inúteis contra ele. Era como se tivesse voltado a ser humana. O raio partiu e pareceu ser, de alguma forma, absorvido pelo corpo dele.

O homem ergueu Acheron do chão e lançou-o contra a parede mais distante como se o atlante não passasse de um boneco de palha.

Deus do Céu, aquele homem ia matar Ash!

ASH não conseguia respirar; tentava lutar e não era capaz. Era como se algo se tivesse enrolado à sua volta como um aro de aço, paralisando-o. A dor arranhava-lhe o corpo com garras poderosas. Ninguém tinha sido capaz de lhe dar tamanha tarefa desde os seus tempos de humano.

Mal aquele pensamento lhe passou pela cabeça, percebeu com toda a clareza quem e o que é que o estava a atacar.

War. O derradeiro guerreiro.

Merda.

— Não! — gritou Ash quando Soteria começou a atacar War ao mesmo tempo que Simi se manifestava na sala ao seu lado para lutar. War destruiria ambas. — Leva a Simi e sai daqui. Agora!

Quando Simi se atirou na direção de War, Soteria agarrou-a. Tory dirigiu a Ash um olhar que lhe dizia que não queria recuar, mas que confiava o suficiente nele para lhe dar ouvidos.

Alexion apareceu com uma espada com a qual tentou trespassar o espírito. Em vez disso, a espada atravessou a carne de War e rasgou o abdómen de Ash. O atlante silvou, quando mais uma onda de dor o varreu.

O rosto de Alexion empalideceu.

— Lamento muito, chefe.

Devias experimentar ter uma ferida aberta. Mas Ash não iria guardar rancor do seu mordomo. O mais importante, naquele momento, era salvar a vida de todos.

— Vai! Leva Danger, os demónios e Tory, e ponham-se a andar daqui.

War agarrou-o pela garganta. Ash sufocava, tentava livrar-se do forte aperto. O seu olhar cruzou-se com o de Alexion. A lealdade brilhava, intensa, mas o amigo sabia o que é que Ash estava a fazer. O atlante não conseguiria lutar enquanto estivesse distraído.

— Vou ter contigo a Neratiti.

Reunindo as mulheres, Alexion desapareceu.

Ash esmurrava a mão de War, tentando libertar-se. Quando isso falhou, Ash lançou uma explosão contra o deus, que não o afetou minimamente.

— O que é que queres? — arquejou Ash.

War inclinou a cabeça num gesto impessoal, ao mesmo tempo que lhe apertava a garganta com mais força ainda.

— A tua morte.

Os ouvidos de Ash zumbiam, ao mesmo tempo que o fluxo de ar para os pulmões era restringido. Tentou respirar, mas era inútil. As mãos que agarravam o espírito iam enfraquecendo, ao mesmo tempo que tudo deslizava para a escuridão.

Capítulo

DOIS

STRYKER sorriu enquanto via Acheron a ficar azul e, daquela vez, não se tratava do seu tom de pele natural. O sacana estava a um arquejo da morte.

Pelo menos até o Chtoniano Savitar ter aparecido na sala, acompanhado por vinte demónios Charonte para atacar War e o afugentar de perto de Acheron. A raiva de Stryker inflamou-se quando os demónios alados atacaram em massa. Estes ergueram War do chão e atiraram-no contra a parede, ao mesmo tempo que ele os atacava.

Savitar correu para junto de Acheron, para o reanimar.

Maldição. Porque é que aquele sacana Chtoniano não podia ficar na praia onde vivia? Não, Savitar tinha de trazer consigo um exército de demónios para defender Acheron.

Sem querer parecer infantil, mas assim não era justo...

E deixava-o francamente irritado.

— Strykerius! — O grito histérico de Apollymi cortou o ar, furando-lhe os tímpanos e fazendo com que os pelos na parte de trás do seu pescoço se erguessem. Um instante depois, Apollymi erguia-se à sua frente, o seu cabelo louro, quase branco, a esvoaçar em redor do seu rosto belo. Como os de Stryker e Acheron, os olhos dela eram de um prateado claro e redemoinhante. E fixavam-se nele cheios de raiva.

Provavelmente Stryker devia sentir-se assustado, mas não va-

lia a pena gastar toda a energia necessária para fazer jus à situação. Além disso, já lhe tinham feito as piores coisas. Tortura, desmembramento e morte seriam um bem-vindo alívio em relação ao seu atual estado de não-existência.

— Passa-se... alguma coisa? — perguntou, despreocupadamente, sabendo que esse tom de voz a enfureceria ainda mais.

Apollymi sentiu vontade de guinchar perante aquele tom paternalista. Queria lançar para o nada aquele *daemon* sugador de sangue. Se ao menos o pudesse fazer. Não fosse por um ato de fraqueza da sua parte, há vários séculos, libertar-se-ia dele de uma vez para sempre. No entanto, ele fora mortalmente ferido pelo pai e, para retaliar contra Apolo, partilhara o seu sangue com Strykerius e tornara-o mais forte. Se, por um lado, esse ato salvara a vida do *daemon*, por outro unira as suas forças vitais.

Se ele morresse, ela morreria. Era por isso que o seu filho nunca feriria realmente Strykerius, por muito furioso que o *daemon* o deixasse.

Era por isso que ela não podia matar Stryker.

Na verdade, era irónico, Apollymi era conhecida pela sua falta de compaixão e, da mão-cheia de vezes em que, de facto, mostrara alguma, os seus atos tinham acabado por se virar contra si, em grande.

Agora não havia nada a fazer. O seu filho verdadeiro estava a ser atacado e o seu filho adotivo Stryker, quase de certeza, era o culpado de tudo aquilo.

— O que é que fizeste? — exigiu saber.

Stryker recostou-se na cadeira e cruzou as mãos atrás da cabeça, fitando-a cuidadosamente.

— Acima de tudo tenho refletido, com um ou dois breves períodos de recordação e um toque de arrependimento por decisões passadas. Alguns poderão dizer que ando abatido, mas eu mataria qualquer um que tivesse o desplante de sugerir tal coisa a meu respeito. — Stryker era um *daemon* mais dado a conspirações.

O cabelo de Apollymi ergueu-se ainda mais à sua volta, como fitas que se contorciam sob um vento violento, tornando bem claro que não apreciara o sarcasmo.

— Apostolos está a ser atacado. Foste tu que o permitiste?

Stryker não sabia porque é que o chateava tanto que Apollymi tratasse o filho por Apostolos quando todos o conheciam como Acheron, mas chateava.

E, sinceramente, ele não tinha permitido nada. Tinha-o *causado* diretamente. *Grande* diferença.

No entanto, Stryker não era suficientemente tolo para lho dizer. As suas forças vitais podiam estar unidas, mas no que dizia respeito ao filho verdadeiro e ao seu bem-estar, Apollymi perdia todo o autocontrolo e qualquer sentido de sobrevivência.

Matá-los-ia a ambos para proteger Acheron.

— Não — respondeu Stryker sinceramente. Deslizou os olhos para a *sfora* que estava escondida do olhar de Apollymi. Quando a fitou, viu War rodeado por demónios Charonte que estavam, de facto, a ferir o espírito. Acheron estava no chão a tossir e a arquejar. Um pouco enxovalhado, mas ainda assim vivo. *Sacana miserável*. Savitar gritava aos demónios, mas Stryker não podia permitir a emissão de som enquanto Apollymi ali estivesse.

Malditos fosseis.

Com cuidado, para disfarçar a expressão do seu rosto, virou de novo o seu olhar para Apollymi.

— Então, o que é que posso fazer por ti, Matera? — perguntou, usando o termo atlante para mãe.

Apollymi inspirou profunda e lentamente, tentando detetar a verdade nele. Strykerius sempre fora um mentiroso convincente. Tempos houvera em que eles tinham sido uma força unida contra Apolo. No entanto, esses dias tinham terminado há muito e agora os dois dançavam em redor um do outro numa complexa batalha individualista.

A deusa atlante podia escorraçá-lo e aos seus *daemones* mas, apesar de todos os aborrecimentos que lhe provocavam, representavam uma companhia para ela e um exército que permitia que ainda tivesse algum poder sobre o mundo humano. Já para não falar do pequeno pormenor de que, enquanto a adorassem, alimentavam os seus poderes.

Ao contrário do pequeno grupo de sacerdotisas de Apollymi que ainda vivia e servia no mundo humano, os *daemones* tinham

muito mais poder. Podiam garantir-lhe os meios de que necessitava para proteger Apóstolos.

— Quero que os teus *daemones* subjuguem War. Imediatamente.

— É de dia e, enquanto o Sol não se puser, ele está fora do nosso alcance. Não querias que nenhum de *nós* morresse e levasse contigo parte da tua força, pois não?

Apollymi queria arrancar aquela expressão arrogante do rosto belo de Stryker. Ao contrário da restante horda *daemon*, o cabelo curto de Stryker era tão negro quanto o seu coração. Tingido na perfeição para impedir que se parecesse tanto com o pai.

— Protege-o, Strykerius. A tua existência depende disso. Lembra-te de que eu te *matarei* para o proteger.

Stryker forçou-se a esperar até ela sair antes de permitir que o lábio se erguesse numa expressão de repugnância. Nem podia acreditar que tinha sido suficientemente burro para pensar que Apollymi o amava como a um filho. Que ela o protegeria e cuidaria dele como cuidava de Acheron. E todos os anos passados, desde que tirara a vida do próprio filho para provar o seu valor e fora obrigado a ver a verdade do relacionamento com a «sua» mãe, não tinham feito mais do que alimentado a amargura que sentia.

— Desfá-lo, War — disse, olhando de relance para a *sfora*. Queria sangue. Infelizmente, não viu nada. Não havia sinal de War, Acheron ou Savitar.

Rosnando de raiva, Stryker lançou a orbe contra a parede, estilhaçando-a. Para onde raio teriam ido?

— **WAR** escapou.

Ártemis ergueu os olhos perante a declaração furiosa de Ares quando este apareceu no meio do Salão dos Deuses onde ela e o restante panteão grego estavam a fazer um pequeno banquete.

O seu pai, Zeus, praguejou, levantando-se do trono.

— O que é que fizeste?

Alto e louro, com músculos tonificados pelo treino diário, Ares ergueu as mãos num gesto de rendição.

— Eu não fiz nada. Foi o filho de Apolo, Strykerius, quem o libertou.

Ártemis sentiu que a cor lhe fugia do rosto ao ouvir o nome do sobrinho. Se Stryker estava envolvido, só havia um alvo possível. Acheron.

E o mais certo era que a mãe de Acheron, bem como o próprio atlante, *a* culpassem pelo ataque. Como se ela se atrevesse...

Atenas ergueu-se com um salto. Moveu-se tão depressa que os seus movimentos sobressaltaram a coruja pousada no seu ombro, fazendo-a voar para as vigas do teto do salão. Uma armadura dourada cobriu-a instantaneamente, ao mesmo tempo que virava o rosto para Zeus.

— Devíamos convocar tantos deuses dos outros panteões quanto possível. War não tardará a virar as suas atenções de novo para nós.

Zeus acenou, concordando.

— Vai buscar Hermes e envia-o. Quanto aos restantes, preparemo-nos para a guerra.

Ártemis ignorou a tirada do pai enquanto saía do Salão dos Deuses, dirigindo-se ao seu templo dourado. Mal ficou só, nos seus aposentos, usou os seus poderes para localizar Acheron. O atlante estava vivo, mas ferido. Ártemis suspirou de alívio.

Embora ele a odiasse e estivesse a planear casar com outra mulher dentro de poucas semanas e Ártemis quisesse desesperadamente magoá-lo por isso, continuava a amá-lo e a última coisa que queria era vê-lo morto, depois de tudo o que tinham partilhado ao longo dos últimos séculos. O coração da filha de ambos partir-se-ia se Ártemis permitisse a sua morte. Mas como é que o poderia proteger quando ele nem sequer falava com ela?

Mal a pergunta lhe atravessou o espírito, soube como parar Stryker de uma vez para sempre...

Zephyra.

O demónio tinha-se refugiado num dos seus santuários há muitos séculos, antes de Apolo ter amaldiçoado a raça *apollite*. Primeiro, Ártemis quisera expulsá-la, mas a simpatia que sentia pela mulher demovera-a. Também ela tinha sido traída pelos homens e, na altura em que Zephyra suplicara por asilo, Ártemis estava

zangada com Apolo e queria vingar-se do irmão arrogante. Num raro momento de simpatia, permitira que Zephyra permanecesse na Grécia.

Mal sabia o quão útil essa decisão se viria a revelar.

— Zephyra? — disse, invocando a mulher para junto de si.

Esta apareceu de imediato na sala.

Enquanto Ártemis era muitíssimo alta, Zephyra era pequena. Ainda assim, os seus poderes sobrenaturais concediam-lhe uma vantagem sobre todos os que não eram deuses. O seu longo cabelo louro estava preso numa trança que lhe caía ao longo das costas e, aos desinformados, parecia-se com uma mulher de vinte e sete anos e não com a guerreira de onze mil anos que era na verdade.

Zephyra baixou a cabeça respeitosamente.

— Minha deusa?

Ártemis fitou a mulher pequena com os olhos semicerrados.

— Tenho uma missão para ti. Uma missão que acho que vais apreciar.

— E qual é?

— Quero que mates Strykerius.

Erguendo o queixo, Zephyra abriu os olhos negros.

— O filho de Apolo?

E também o homem que traíra Zephyra séculos antes. Ainda que fosse sobrinho de sangue de Ártemis, esta não tinha por ele mais amor do que o que ele tinha por ela. Os dois haviam lutado durante demasiado tempo e com demasiado ardor para que sentissem algo mais do que ódio um pelo outro.

Era tempo de acabar com aquilo e com ele.

— Sim.

Os olhos cor de obsidiana de Zephyra brilharam de prazer.

— Mostra-me onde ele está, deusa, e deixar-te-ei orgulhosa.

STRYKER manteve as passagens abertas, chamando os *daemones* que tinha espalhados pelo mundo até Kalosis. Apollymi pensava que ele estava a agir de acordo com as suas ordens para proteger Acheron. A verdade era que Stryker tencionava usá-los como peões

para chegar a Nick e Acheron. Quanto mais não fosse, manteriam aqueles dois ocupados enquanto War lhes cortava as gargantas.

Sangue por sangue.

Nick matara a irmã amada de Stryker e Acheron tinha de morrer porque não estava na natureza de Stryker deixar que o sacana ganhasse depois de todos aqueles séculos. Apollymi tinha-o destruído. Era justo que respondesse na mesma moeda. Ela tinha tirado o filho de Stryker. Stryker tiraria o dela.

Um relâmpago revelou uma nova chegada. Stryker esperou para ver de que era feito o seu recruta *daemon*. Como de costume, o *daemon* aterrou de costas, com um sonoro «Uff!». Depois, o homem choramingou como uma criança enquanto se contorcia no chão, gemendo de dor.

— Acho que parti o braço.

Stryker suspirou demorada e agitadamente. Sentia falta dos tempos de antigamente, quando os *daemones* e os *apollite* eram guerreiros. Quando apareciam no seu salão de pé, prontos para o combate. Aquelas novas gerações eram quase tão pateticamente fracas quanto os humanos de que se alimentavam.

O mundo era um supermercado com mentalidade de supermercado. Como a humanidade já não se treinava para a guerra e se amontoava em cidades onde a moral fraca dava muito por onde escolher, os *daemones* atuais não tinham de lutar para comer. Tudo o que precisavam de fazer era entrar num bar ou discoteca, encontrar um homem ou uma mulher embriagados e levá-los para o exterior onde lhes podiam arrancar do corpo a alma tolamente disposta para se alimentarem. Não havia qualquer luta. Qualquer insinuação.

Fast food, até mesmo para eles.

O único desafio que tinham consistia em evitar os Predadores da Noite e Acheron em particular.

Era por isso que Stryker protegera tanto a irmã. Extremamente irritante, Satara estava sempre a planear alguma coisa. Estava sempre a tentar trair ou lixar alguém. Até ele tinha de se manter atento e alerta.

Agora tornar-se-ia tão inútil como todos os outros.

Cansado da sua fraqueza, virou-se e viu Kessar que se aproxi-

mava do trono. Um demónio *gallu* sumério, Kessar parecia-se mais com um modelo humano do que com o assassino que era. Até o cabelo castanho estava afastado dos olhos vermelhos de uma forma tão perfeita que o demónio podia concorrer a um cargo eletivo. As suas feições tinham uma estrutura delicada e tão afiada quanto a crueldade do demónio. Como Stryker, o demónio aproveitava o seu bom aspeto sempre que caçava uma presa humana.

As mulheres humanas eram fracas. Influenciáveis. Dispostas a fazer qualquer coisa pela atenção de um homem belo. Pelos deuses, como ele gostava daquelas mentes fracas. Mereciam as mortes dolorosas que sofriam.

Stryker olhou para Kessar.

— Se quiseres fazer daquele o teu almoço, não te impedirei.

Um lento sorriso espalhou-se sobre o rosto de Kessar antes de este se transportar ao longo da sala, erguer o *daemon* do chão e lhe rasgar a garganta.

A sobrevivência do mais forte. O povo de Stryker sempre fora muito espartano nas suas crenças. Quem não estava apto para o combate, não estava apto para viver. Simples e perfeito. Tal como o novo plano de Stryker.

Kessar praguejou quando o *daemon* de que se tentava alimentar se desfez em pó.

— Odeio o sabor poeirento entre as minhas presas... é como comer durante uma tempestade de areia. Não há sangue suficiente no mundo para limpar o palato depois disto.

Stryker encolheu os ombros.

— É o que acontece quando se é ganancioso. Sabes o que acontece quando matas um de nós. Devias ter-te limitado a beber o seu sangue e a deixá-lo a respirar.

Kessar cuspiu para o chão.

— Estás de mau humor. Alguém mijou no teu sangue?

Antes que pudesse responder, a luz brilhou de novo. Stryker cerrou os dentes, aguardando a próxima ronda de Falhados Fracos e Patéticos.

Pelo menos era nisso que estava a pensar até uma mancha preta ter aterrado no chão, numa pose agachada e mortal. Quase não tinha conseguido perceber que se tratava de uma mulher antes

de ela o ter atacado com uma ferocidade e um vigor que teriam deixado orgulhoso um tigre raivoso. O seu primeiro golpe fê-lo cair da cadeira. Mal teve tempo para a agarrar por um pulso, antes que ela o decapitasse com o punhal exageradamente grande que tinha na mão.

Ela deu-lhe uma cabeçada forte, fazendo-o recuar. Stryker abanou a cabeça para a desanuviar. Ela empurrou-o contra a parede. Stryker agarrou-lhe nos braços e rolou com ela, lançando-a para longe de si.

Expondo as presas, estava prestes a rasgar-lhe a garganta quando o seu olhar prateado e redemoinhante se fixou no olhar negro dela.

Zephyra.

Nesse mesmo instante, recuou onze mil anos para o dia em que se tinham conhecido. O ar do mar agitava os caracóis louros em redor do seu rosto delicado. Esguia e pequena, era tão bela quanto uma deusa.

E, quando ele lhe tentou tocar, ela lançou-se contra ele como uma praga mais violenta do que a de qualquer homem, desferindo uma joelhada na virilha de Stryker por este se ter atrevido a tocar-lhe sem convite.

Algo que ela tentava repetir agora. No entanto, desta vez Stryker estava à espera. Quase não se conseguia esquivar do joelho, enquanto as emoções rasgavam através dele. Felicidade. Raiva. Alegria. Confusão.

Durante todos aqueles séculos, presumira que ela estava morta.

Mal conseguia aceitar a realidade de que estava viva e bem. Tinha sobrevivido à maldição de Apolo e conseguira viver toda aquela eternidade... tal como ele.

— O que é que estás a fazer aqui?

Ela respondeu à pergunta com um golpe do punhal que por pouco não lhe cortava a garganta.

— Pensei que podíamos recordar os velhos tempos. Talvez jogar uma partida de ludo.

Stryker agarrou-a por um braço e fê-la girar sobre si mesma, voltando a prendê-la contra a parede. Aumentou a força do

seu aperto até ela ser obrigada a largar o punhal. Envolvendo-lhe a garganta com uma mão, manteve-a imóvel.

— Consigo pensar em jogos muito melhores. — Estava prestes a dizer *Strip Poker* quando algo lhe bateu com força nas costas, atirando-o para longe de Zephyra.

Stryker virou-se com um rosnido feroz para o novo atacante, determinado a matar quem quer que tivesse sido suficientemente idiota para interferir, quando o choque o fez estacar. Tratava-se de uma réplica exata de Zephyra. Os mesmos caracóis dourados. Os mesmos olhos negros. A mesma altura e o mesmo peso.

Julgá-la-ia sua irmã gémea, não fosse pelo facto de saber, com toda a certeza, que Zephyra era filha única.

— Tira essas mãos imundas de cima da minha mãe.

Capítulo
TRÊS

— **MÃE** — repetiu Stryker num sussurro, um instante antes de Kessar ter agarrado a filha de Zephyra. O demónio afastou os lábios para lhe provar a garganta. Stryker mal teve tempo para gritar ao demónio antes que ele a matasse. — Para!

Os olhos vermelhos do demónio brilharam antes de este ter revirado os lábios e de a ter libertado com um rosnido.

— Elas que deem cabo de ti, então. Não estou propriamente preocupado com o facto de viveres ou morreres.

Zephyra correu para Stryker, desembainhando um punhal que, uma vez estendido, se transformou numa espada, e tentou apunhá-lá-lo. Stryker recuou, ao mesmo tempo que usava os seus poderes para fazer aparecer uma espada na sua mão. Parou a lâmina dela com a sua. O som do aço ressoou, ecoando na sala, enquanto ela defendia todos os seus golpes. Sempre que se esquivava, sempre que atacava, ela estava lá, como se soubesse exatamente o que ele ia fazer.

Stryker sorriu. Já há muito tempo que não lutava contra alguém, para além de Acheron, cuja perícia equivalesse à sua. No entanto, ali estava ela, a filha de um camponês, a lutar contra a habilidade de um soldado treinado. Perguntou-se quem a teria ensinado tão bem.

— Sempre soube que eras boa a manejar a espada de um homem, querida, mas não fazia ideia de que isso se estendia às espadas feitas de aço.

Zephyra rosnou, um instante antes de o pontapear acertando-lhe no flanco.

Stryker gemeu perante a dor que aquele simples movimento lhe provocou. No entanto, para ser justo, ela manteve o autocontrolo.

— Pelo menos esta espada não me dececiona. Não tenho de me preocupar com a possibilidade de ficar mole.

— Nunca fiquei mole contigo.

Zephyra revirou os olhos, ao mesmo tempo que bloqueava uma nova investida.

— Acredita, querido, não eras assim *tão* bom. Eu era apenas melhor atriz do que tu eras ator.

— Blegh! — resmungou a filha, recuando para lhes dar mais espaço para combater. — Sem ofensa, mãe, mas não quero saber com quem é que dormiste. Acaba com as bocas sexuais e com ele, antes que eu fique surda.

Os olhos de Zephyra ficaram negros, ao mesmo tempo que um dos cantos da sua boca se erguia num sorriso diabólico.

— Não devias ser tão puritana, Medea. Afinal de contas, sempre quiseste conhecer o teu pai. Feliz aniversário, querida. Lamento que a reunião seja tão breve. Mas acredita, não perdes nada.

Stryker cambaleou sob o peso da notícia. Desviou a atenção do combate, olhou de relance para a filha e para a sua expressão sobressaltada, analisando as subtis diferenças das suas feições em relação às da mãe. Esse desliz custou-lhe caro, pois Zephyra apunhalou-o no peito, falhando por pouco a sua marca de *daemon*... Se o tivesse atingido um só milímetro mais acima, ele teria explodido numa nuvem de pó.

Ainda assim, doía terrivelmente.

— Para! — gritou Medea, correndo para a mãe e puxando-a para trás.

Stryker praguejou, tapando a ferida com a mão e ficando tenso devido à dor.

Zephyra empurrou Medea, avançando de novo para ele. Stryker ergueu a espada, pronto para lutar. Medea lançou-se de novo para o meio deles e obrigou a mãe a recuar.

— Ele é mesmo o meu pai?

Zephyra atirou a espada na direção dele. Stryker desviou-se rapidamente. Sentiu o calor da lâmina, quando esta deslizou pelo seu rosto e se foi enterrar na parede atrás dele.

Furioso, avançou para ela.

Medea virou-se para Stryker e fitou-o com uma expressão tão absolutamente Urian que ele ficou chocado.

Urian. O seu filho mais querido. O filho que significara tudo para ele, e, nesse momento, soube que Zephyra não estava a mentir.

Medea era filha dele.

A realidade desse facto abateu-se sobre ele e quase o fez cair de joelhos. Ele tinha uma filha e ela estava viva...

Medea engoliu em seco enquanto o estudava.

— Tu és Strykerius? O filho de Apolo?

Stryker acenou.

Medea lançou-se na direção dele, mas a mãe agarrou-lhe o braço e obrigou-a a parar.

— Não te atrevas a abraçá-lo. Não depois de ele nos ter deixado como mortas.

— Nunca! — rosou. — Foste tu quem mentiu, dizendo que tinhas perdido o bebé.

— Porque não te queria prender a mim. Queria que ficasses porque me amavas. Mas eu não era suficiente para ti, pois não? Arrastaste-te até ao teu pai e para quê? Para que ele pudesse amaldiçoar todos aqueles em cujas veias corria uma gota que fosse de sangue *apollite*? Eu disse-te, nessa altura, que o teu pai se estava nas tintas para ti. Devias ter-me dado ouvidos.

Zephyra tinha razão, mas isso não desculpava a mentira *dela*. A sua traição era tão grande quanto a do pai.

— Escorraçaste-me.

Zephyra revirou os olhos.

— Sempre foste tão idiota!

Kessar soltou uma sonora gargalhada.

— Finalmente, alguém que concorda comigo.

Stryker fitou, furiosamente, o demónio, cuja presença tinha esquecido por completo. — Porque é que ainda estás aqui?

— O divertimento que retiro desta situação é imensurável.

Nunca tinha visto um homem levar uma tão grande tarefa de uma mísera mulher.

Mal terminara de dizer aquelas palavras quando Medea esticou o braço. Algo voou da sua mão e só quando o objeto se enrolou no pescoço de Kessar e este caiu ao chão é que Stryker compreendeu o que era.

Asfyxen. Semelhantes às boleadeiras, mas muito mais pequenas e mortíferas.

Medea avançou na direção do demónio com a postura de um guerreiro. Agarrou numa das esferas pretas, do tamanho de bolas de golfe, e puxou o demónio na sua direção, enquanto este sufocava e arquejava, tentando libertar-se do arame que o estrangulava.

— Nunca subestimes uma mulher, demónio. Neste mundo, *nós* imperamos.

Stryker sentiu um arrepio a descer-lhe pela espinha. Ela era Urian...

Mas no feminino.

Era impossível sentir-se mais orgulhoso.

Empurrando Kessar para trás, ela libertou o arame com um gracioso movimento arqueado.

— Para a próxima, pensa antes de perderes a cabeça.

Os olhos de Kessar brilhavam de raiva.

— Tu e eu, minha menina, vamos dançar outra vez. Muito em breve.

Medea voltou a guardar o *asfyxen* na manga.

— Eu trago a música.

Kessar desapareceu.

Medea virou-se para os pais com um sorriso satisfeito.

Stryker escondeu o seu divertimento.

— Sabes que ele é o mais perigoso da sua espécie?

— Ele não é nada para ela — disse Zephyra, orgulhosa. — A Medea tem poderes que tu nem imaginas. Não que isso te importe.

Antes que Stryker pudesse abrir a boca para responder, Zephyra deu-lhe uma cabeçada. Stryker viu estrelas um instante antes de a escuridão se apoderar dele.

...

ZEPHYRA retirou o punhal da bota, ajoelhando-se no chão ao lado de Stryker, determinada a matá-lo. No entanto, quando mergulhou a faca, Medea agarrou-lhe o pulso.

— O que é que estás a fazer?

O olhar determinado de Medea fixou-se no de Zephyra.

— É o meu pai. Será que posso pelo menos falar com ele antes de o matares?

Zephyra fungou.

— O teu pai é um idiota, querida. Acredita na palavra de alguém que costumava dormir com ele. Não estás a perder nada e, se não deixares que o mate agora, fá-lo-ás tu mesma mais tarde.

— Então deixa que eu o faça mais tarde. Quero passar pelo menos cinco minutos com ele.

Zephyra libertou rudemente a sua mão da de Medea.

— Não sejas ridícula. Ártemis quer vê-lo morto. Se não fosse por ela, tu e eu não estaríamos aqui. O teu *pai* — Zephyra cuspiu a palavra — abandonou-nos.

— Eu sei. Contaste-mo vezes suficientes para que ficasse permanentemente gravado no meu cérebro. Ainda assim, ele faz parte de mim e eu gostaria de encerrar este assunto.

— Tens mesmo de parar de ver a *Oprah*. És uma *abbandonranni*, rapariga. Age como aquilo que és.

Num só movimento, rápido e gracioso, Medea torceu o punhal da mão de Zephyra e encostou-lho à garganta.

— Tens razão, mãe. Levanta-te e recua. Ele vai ficar sob o meu cuidado.

Zephyra sorriu, orgulhosa. Depois desarmou a filha.

— Lembra-te, querida, ainda que possas comandar demónios, este é um que não comandas. — Zephyra baixou a cabeça, ao sentir que os seus olhos se alteravam, perdendo a aparência dos de um *daemon* e ficando de um cor de laranja vibrante.

STRYKER acordou com uma dor profunda e latejante na cabeça. Por um momento, não se conseguia lembrar do que a teria provocado. No entanto, quando abriu os olhos e se descobriu acorrentado a uma parede, recordou-se de tudo.

A sua primeira esposa tinha regressado, em força.

Furioso, levantou-se e puxou pela grossa corrente que o prendia a uma argola de ferro na parede. Grilhões envolviam-lhe os pulsos e os tornozelos e, embora tivesse liberdade de movimentos, não podia ir longe.

No entanto, estava infinitamente melhor do que o homem acorrentado à parede à sua frente. Alto e ágil, parecia que o tinham obrigado a passar pelo Inferno. Literalmente. O cabelo castanho-avermelhado, sujo e pastoso, caía-lhe para lá dos ombros. Completamente nu, o seu corpo estava coberto de feridas e marcas de dentadas. O facto de serem visíveis apesar das largas tatuagens tribais pretas que lhe cobriam o tronco, os braços e as coxas, atestava a sua profundidade e violência. Ao contrário de Stryker, era mantido de pé, os braços esticados por cima da cabeça. O seu rosto de delicada estrutura óssea estava coberto por uma barba espessa e descuidada.

— Que raio é que te fizeram?

O homem riu, torcendo as mãos nas correntes que lhe prendiam os pulsos e inclinando a cabeça para trás, contra a parede, para olhar para Stryker, que inspirou abruptamente ao ver os seus olhos amarelos rodeados por um estreito anel vermelho-sangue.

— Elas alimentam-se de mim. Calculo que seja o seu próximo prato.

Stryker sentia-se confuso.

— Não és *daemon* nem *apollite*. Nada têm a ganhar por se alimentarem de ti.

O homem riu amargamente.

— Diz-lhes isso a *elas*.

Stryker franziu o sobrolho ao reparar na fina tira preta que envolvia o pescoço do homem. Tratava-se de um colar de contenção de alguma espécie.

— O que és tu?

— Sou a miséria.

Sem dúvida. O aspeto do homem mais do que o justificava.

— Tens nome?

— Jared.

— Eu sou...

— Strykerius, mas chamam-te «Stryker». Odeias a deusa que serves e desejas matar o seu único filho e vingar-te do ex-humano que matou a tua irmã.

Stryker sentiu-se gelar quando a criatura expôs os seus planos.

— Como é que sabes isso?

— Eu sei tudo. Sinto cada bater de coração do universo. Ouço cada grito de misericórdia e sinto cada dilaceramento da dor.

E estava a assustá-lo como o caraças.

— Desculpa — disse Jared. — Faço isso a muita gente.

— O quê?

— Assusto-as.

— Consegues ouvir os meus pensamentos?

Antes que os tenhas, eu ouço-os. Desta vez não falou. A sua voz era sonora e límpida na mente de Stryker.

— Mantém-te fora da minha cabeça.

Jared dirigiu-lhe um sorriso provocador.

— Acredita, adoraria. É uma confusão aí dentro. Mas estás fisicamente demasiado perto para que te consiga bloquear. — Bateu com a cabeça contra a parede de pedra. — A dor é a única forma de manter os teus pensamentos fora da minha cabeça.

— É por isso que te batem?

Jared fitou Stryker com um olhar frio e impaciente.

— Mais do que tudo, fazem-no para se divertirem.

Stryker sentia uma pena sincera pela criatura, que só podia estar em absoluta agonia. Havia algo nele que lhe parecia familiar e, no entanto, Stryker não conseguia identificá-lo ao certo.

— Há quanto tempo é que elas te mantêm aqui?

Jared suspirou, fatigado.

— Vem aí a Medea.

As palavras mal tinham deixado os seus lábios antes de a porta se abrir, revelando-a. Vestida com uma blusa vermelha e umas calças de ganga, Medea era linda. Pai algum poderia pedir filha mais perfeita.

Uma que gostasse mais dele, talvez, mas não uma mais bela.

O olhar dela fixou-se em Jared, a simpatia brilhando por um instante, mas rapidamente escondida por detrás de uma muralha de estoicismo. Jared, contudo, mostrava-se furioso e desafiante.

Medea virou a sua atenção para Stryker.

— Lamento que te encontres na atual posição.

Jared escarneceu.

— Sim, toda ela é simpatia. Basta olhares para mim para perceber o quanto.

— Cala-te.

Uma mordação de cabedal cobriu a metade inferior do rosto de Jared. Este rosnou, tentando libertar-se das correntes ou retirar a mordação, mas era inútil. Os seus músculos cresciam enquanto ele lutava contra as correntes.

— Isso é mesmo necessário? — perguntou Stryker à filha.

Medea ignorou os gritos de Jared e a pergunta de Stryker.

— Devias estar mais preocupado com o teu próprio bem-estar.

— Porquê? Tencionas matar-me?

— Estou certa de que a minha Mavera o fará à primeira oportunidade.

— Então porque é que estou aqui?

Cruzando os braços sobre o peito, Medea encolheu os ombros.

— Curiosidade. Quero compreender de onde vêm os meus poderes e qual a melhor forma de os canalizar. Sei que não os recebi da minha mãe... Ela tinha algumas capacidades psíquicas, mas não possuía a de invocar as coisas que eu consigo invocar.

Aquelas palavras intrigaram Stryker. Quais seriam exatamente os poderes da filha?

— Que tipo de coisas?

Eu. Stryker ouviu a voz de Jared dentro da sua cabeça.

Medea virou-se para Jared e lançou um raio contra o seu peito. Este silvou de dor ao mesmo tempo que um círculo preto esturricava e queimava a sua pele. Todo o seu corpo ficou tenso e rígido.

— Não te metas nisto.

Stryker cerrou os dentes quando uma solitária lágrima vermelha de dor deslizou pelo rosto de Jared. Como era estranho que aquele ser chorasse sangue. Stryker nunca ouvira falar de uma tal criatura. No entanto, independentemente do que fosse, Jared não merecia aquilo.

Stryker fitou a filha.

— Sabes, por muito cruel que eu seja, nunca fui adepto da tortura. Mata-o ou liberta-o.

Medea abanou a cabeça.

— A minha mãe jamais o permitiria.

— Então deixa-o em paz.

— Não gostas mesmo da tortura?

— Não, não gosto. Uma coisa é ser impelido a atacar pela raiva, outra é provocar a dor só porque sim. Sou um soldado, não um cobarde.

— Estás a chamar-me cobarde?

Stryker olhou mais uma vez para Jared, que arquejava, tentando lidar com a agonia que a ferida lhe provocava. O seu peito ainda fumegava, à medida que o raio continuava a queimar a sua pele.

— Deves dar sempre uma oportunidade de defesa ao teu adversário. Que ganhe o melhor lutador e, se não fores tu, então morre com dignidade.

Medea arqueou uma sobrancelha, antes de se virar para o outro prisioneiro.

— Jared? Ele está a mentir-me? — Medea ergueu uma das mãos e a mordação de cabedal desapareceu.

— Não — disse Jared, com a voz tensa e fraca. — Ele vive de acordo com um código moral muito retorcido.

A criatura e os seus poderes intrigavam Stryker.

— O que é ele? O teu detetor de mentiras pessoal?

Medea dirigiu-lhe um sorriso atrevido.

— Algo do género.

Jared escarneceu.

— Porque é que não lhe contas a verdade? Sou o cão que manténs acorrentado para que não faça xixi no chão.

Medea voltou a estender o braço e a mordação cobriu de novo o rosto de Jared.

— Porque é que me provocas assim?

Jared puxou pelas correntes, ao mesmo tempo que gritava algo indecifrável.

A sua força era espantosa. Stryker até se apercebeu do bri-

lho nos olhos da filha que revelavam o respeito que ela sentia pela criatura.

— Os dois pombinhos estão sempre a discutir assim? — perguntou-lhe Stryker.

Medea fungou.

— Não discuto com ele de todo. Ele não passa de uma ferramenta que eu uso.

— Usas como?

Medea não respondeu.

— A Matera diz que eu devia deixar que ela te matasse por nos teres abandonado.

— Mas...?

— Quero compreender como é que pudeste deixar a mulher que amavas, sem olhar para trás, nem por uma vez, ou sem te arrependeres. Acho esse tipo de egoísmo desconcertante.

Stryker ficou imóvel, pois a acusação que ela lhe fazia feria-o profundamente. Sem se arrepender? Lamentara a perda de Zephyra todos os dias da sua vida. No entanto, tinha sido criado para acreditar que o dever estava antes do amor.

Sempre.

O pai dele tinha exigido que se divorciasse de Zephyra e casasse com uma sacerdotisa para cumprir o destino que o pai tinha planeado para ele, e Stryker tinha-o feito. Não, não era só isso. Zephyra tinha-o praticamente escorraçado quando Apolo lhe dissera o que pensava dela e do seu baixo nascimento.

«A filha de um pescador casada com o filho de um deus? Estão loucos? Tens prostitutas que cheguem ao teu dispor, Strykerius. Não te salvei da morte para te ver casar com isto e gerar filhos inúteis, de qualidade genética inferior.»

Stryker devia ter defendido Zephyra. Soubera-o na altura. No entanto tinha apenas catorze anos, uma boa idade para casar no mundo antigo, e temia os poderes do pai. Temia dececionar o deus que significava tudo para ele.

— Bem? — insistiu Medea. — Responde-me. Porque é que nos deixaste?

As feições de Stryker tornaram-se imperscrutáveis. Já não era um juvenzinho assustado. Era um general de onze mil anos.

— Não respondo perante ninguém e, diabos me levem, se vou responder perante a minha filha. O que aconteceu nessa altura é entre mim e a tua mãe.

— Então estás disposto a morrer?

— Sou um guerreiro, Medea. Aceitei a morte como uma inevitabilidade no momento em que empunhei a minha primeira espada em combate. Matei o meu próprio filho por me ter traído. Parece-me de algum modo adequado que a minha filha me mate por ações vistas como semelhantes. Lamento apenas não conhecer melhor a filha que é tão parecida comigo que me executaria tão rapidamente e sem arrependimentos nem hesitação.

Medea ergueu um braço. Stryker esperou que ela o matasse. Em vez disso, as correntes que o prendiam soltaram-se-lhe dos pulsos e dos tornozelos.

— Vem comigo.

Stryker seguiu-a à medida que um novo plano se formava na sua mente. Mal sabia ela que Stryker não era um cachorrinho dócil que recebia as suas ordens de uma pessoa qualquer.

Quando chegou à porta, virou-se e viu Jared pendurado, sem energia, dos seus grilhões, a mordaça firmemente apertada. Foi varrido por uma onda de simpatia.

Não sintas pena de mim, Stryker. Não escolhi estar aqui.

Aquelas palavras sinistras ecoaram na sua mente enquanto seguia Medea para fora da divisão e esta fechava a porta, escondendo Jared do seu olhar.

— É um prisioneiro?

— Não. Foi um presente.

— Um presente?

Medea acenou sem mais explicações.

— De quem? — perguntou Stryker.

Ela abriu a porta e conduziu-o para uma sala fria e austera.

— A presença de Jared é algo de que não falamos. Nunca.

Talvez...

Medea avançou pelo corredor. Agora que Stryker deixara aquela divisão, sentia os poderes a crescer. Decerto que aquela divisão estava sob o efeito de um feitiço supressor. Agora que este tinha desaparecido...

Sentindo-se revigorado, correu para a filha e agarrou-a por trás.

De olhos muito abertos, ela arquejou.

— Sou um líder, filha. Não sigo ninguém. — Agarrando-a com mais força, fê-la desaparecer do edifício e regressar a Kalosis.

Capítulo

QUATRO

MEDEA guinchava de raiva, ao mesmo tempo que tentava transportar-se para fora de Kalosis.

Stryker emitiu um som de censura.

— Fechei a passagem. Não conseguirás sair até que a volte a abrir.

Os olhos negros dela brilharam de raiva, recordando-o ainda mais da mãe.

— A Matora vai matar-te por isso.

Ele largou-a e recuou um passo.

— Ela ia matar-me na mesma. Que diferença é que isso faz?

— O seu plano inicial não incluía torturar-te. Isto... isto vai fazer com que ela mude de ideias.

Stryker encolheu os ombros despreocupadamente.

— Querias passar algum tempo com o teu pai. Aqui estou.
— As suas feições endureceram quando o seu olhar se fixou no dela e ele lhe mostrou a sua determinação. — Devias ficar a saber uma coisa sobre mim. Não faço nada de acordo com a vontade das outras pessoas. Sou e sempre serei um comandante. Ninguém me diz o que fazer.

A última pessoa a quem obedecera — o seu próprio pai — tinha-o traído. Desde essa noite, jurara que, de futuro, a sua vida lhe pertencia, a ele e a mais ninguém.

Medea revirou o lábio.

— A Matera tem razão. És um sacana.

A raiva de Medea divertiu-o.

— Não é verdade. Um sacana ter-te-ia atirado aos demónios. Sou o teu pai e, sinceramente, tenho saudades de ter os meus filhos comigo. Essa fraqueza é a única razão por que continuas viva depois de me teres ameaçado.

Stryker estendeu um braço para lhe tomar o rosto na mão. Medea ficou tão tensa que ele ficou surpreendido por ela não ter afundado as presas na palma da sua mão. Em vez disso, continuou a fitá-lo com o olhar carregado de despeito. Recordava-lhe tanto a filha que perdera há onze mil anos. Só que Tannis nunca fora uma lutadora. Nunca partilhara o amor de Urian pela vida. Não como Medea.

Tannis tinha-se permitido decair, alegremente, no dia do seu vigésimo sétimo aniversário, enquanto Stryker a apertava nos seus braços, implorando-lhe que tomasse uma vida humana para poder viver durante mais um dia. Ela recusara-se, resolutamente. E os seus gritos de misericórdia ecoavam nos seus ouvidos até ao presente dia.

Medea virou o rosto para a mão, depois deu-lhe uma violenta joelhada na virilha.

Praguejando, Stryker agarrou a mão de Medea antes que esta lhe acertasse de novo e empurrou-a para trás. Com o corpo a latejar de dor, quis matá-la pelo que tinha feito. No entanto, ela era realmente filha da sua mãe.

E dele.

Usando os seus poderes, prendeu-a à parede atrás dela.

— Não fazes ideia da sorte que tens por eu me ter arrependido de ter matado o meu filho por me ter feito muito menos do que acabaste de fazer. Não fosse por isso, já estarias morta.

— Também te amo, pai. — O tom sarcástico era cáustico e frio.

Mas, pelo menos, ela não era como Urian, dizendo-lhe o quanto o odiava e o queria matar.

— Davyn! — gritou Stryker, chamando um dos seus comandantes. Mantinha-se muito direito e recusava-se a permitir que o homem se apercebesse de que estava em sofrimento. Nunca ninguém conheceria as suas fraquezas.

Davyn entrou na sala.

— Meu senhor?

Stryker apontou com o queixo na direção de Medea.

— Leva a nossa convidada para os meus aposentos e tranca-a no seu interior até eu ter tempo para lidar com ela.

Stryker ergueu a mão permitindo-lhe afastar-se da parede antes de fazer aparecer um par de algemas nos seus pulsos.

Medea inspirou fundo, enquanto as tentava partir.

— Vais pagar por isto.

— E o teu cãozinho também — acrescentou Stryker, cinicamente.

Davyn ignorou sabiamente aquela troca de comentários.

— Sim, senhor. Imediatamente.

Medea não falou enquanto o homem belo avançava. Para seu crédito, ele não lhe tocou.

— Se não te importasses de me seguir. — Estendeu a mão na direção da porta.

Como se tivesse outra escolha? Malditos sacanas!

Furiosa, olhou para o pai antes de permitir que Davyn a conduzisse para fora da sala.

— Obedeces-lhe sempre? — perguntou Medea, mal ficaram a sós.

Davyn olhou de relance para ela, por cima do ombro. Alto e louro, tinha cabelo curto e uma pequena barbicha.

— Se eu não quisesse viver, parava de tomar almas humanas e expirava. Seria muito menos doloroso do que provocar Stryker.

— Então tens medo dele?

Davyn fungou.

— Toda a gente tem medo dele. O homem matou o próprio filho.

— É o que ele não para de me dizer.

— Pois, bem, eu estava lá quando isso aconteceu. Estávamos a combater os nossos inimigos quando o Stryker se aproximou dele, calma e friamente, o abraçou com força, lhe cortou a garganta e o deixou para morrer.

Aquela descrição lançou-lhe um arrepio pela espinha. Como podia um pai ser tão frio e cruel? O facto de se tratar do pai dela era ainda mais arrepiante.

Davyn virou à esquerda e avançou ao longo de mais um corredor.

— Urian era um dos meus melhores amigos e ele amava o pai mais do que tudo. Servira-o durante séculos com uma lealdade absoluta. Acredita, não merecia o que lhe aconteceu.

O que fizera o meio-irmão para merecer um castigo tão severo?

— Porque é que o Stryker o matou?

— Casou às escondidas com um dos nossos inimigos.

Medea cambaleou ao ouvir aquelas palavras graves, incapaz de acreditar que uma ofensa tão insignificante levasse alguém a tirar uma vida, ainda para mais a do próprio filho.

— Só isso?

Davyn parou para abrir uma porta.

— Só isso.

Incapaz de acreditar na crueldade do homem, Medea hesitou ao sentir algo em relação ao *daemon* que a acompanhava.

— Tu és um Anglekos. — Tratava-se de *daemones* que se alimentavam apenas de humanos maus. *Daemones* que tinham prometido tomar apenas as almas daqueles que mereciam morrer. Pedófilos. Violadores. Assassinos. Os mais vis entre os muito vis.

Davyn empalideceu.

— Como é que sabes isso?

— Consigo sentir as almas dentro de ti. Fizeste três mortes, recentemente. — Foi então que ela percebeu outra coisa em relação a ele. Davyn não era como o pai dela. Ainda tinha um coração que não fora destruído.

Ainda.

— Eu sei porque é que escolhes as almas que escolhes, mas permite que te dê um conselho. Essas almas acabarão por te gastar. Corromper-te-ão, até que te tornes aquilo de que te alimentas.

Davyn observou-a, desconfiado.

— Como é que sabes?

Aquela era uma pergunta que ela não tinha qualquer intenção de responder.

...

STRYKER estava sentado no seu gabinete, a observar, através da sua nova *sfora*, Zephyra a andar furiosamente de um lado para o outro. Aquela mulher movia-se como mercúrio. Quente. Fluida. Graciosa. Incendiava todas as hormonas do seu corpo, ao mesmo tempo que se recordava da sensação de a ter nos seus braços. De como era fazer amor com uma mulher tão ardente. O cheiro e o toque dela estavam gravados a ferro quente nas suas memórias.

Ele sempre gostara de a ver furiosa. Certa vez, não muito depois de terem casado, irritara-a ao namoriscar com outra mulher. Quando regressaram a casa, ela agarrara nele e atirara-o para o chão, depois fizeram amor até quase ficarem cegos de prazer. Ficara com queimaduras nos joelhos, por causa dos tapetes, durante uma semana inteirinha.

«Se voltares a olhar para outra mulher, arranco-te os olhos com as unhas.»

Em vez de usar as unhas nos seus olhos, Zephyra arrancara-lhe a pele das costas enquanto faziam amor, durante toda a noite. O coração dele acelerou ao recordar as suas capacidades e ficou imediatamente duro, ansiando por voltar a prová-la.

Deixá-la tinha sido a coisa mais difícil que alguma vez fizera. No entanto, se tivesse ficado, o pai tê-la-ia matado sem misericórdia. Apolo jamais lhes teria permitido, meros mortais que eram, desafiar os seus planos divinos. O deus era ainda menos clemente do que Stryker.

Por isso, tomara a atitude mais nobre. A atitude correta. Em vez de tentar lutar, numa batalha perdida que lhes teria custado a ambos a vida, deixara-a viva, pensando que ela seria capaz de encontrar um homem que a merecesse.

E, em todos os séculos passados desde então, Stryker tinha pensado nela e sentido a sua falta a cada novo dia. Lamentara cada momento que lhes tinha sido negado.

No entanto, nunca lamentara ter salvado a vida de Zephyra da ira do pai.

Incapaz de suportar manter-se longe dela por mais um instante, Stryker transportou-se para o templo na Grécia onde residia. Um dos últimos templos de Ártemis que ainda era usado para a adorar, tão frio e intemporal quanto a própria deusa.

Mal Zephyra sentiu a sua presença, virou-se para ele com toda a sua fúria. Com os olhos negros a arder, arrancou o punhal que guardava na bota e avançou para ele.

— Não faças isso — disse Stryker calmamente, embora o corpo ardesse por prová-la. — Mata-me e os meus homens destruirão Medea.

Zephyra apertou o punhal com mais força, estacando à frente de Stryker.

— Usarias a tua própria filha como moeda de troca?

Stryker encolheu os ombros.

— Agamémnon matou a sua só para poder aparelhar um navio e atacar o seu inimigo. Somos gregos antigos, não somos?

— Tu eras um porco meio-grego. Eu sou uma *apollite* atlante. — Zephyra voltou a guardar o punhal na respetiva bainha, depois endireitou-se. A sua posição rígida fazia saber que estava mais do que pronta para lutar. — Então o que é que queres?

Antes que se pudesse impedir, Stryker puxou-a para os seus braços e beijou-a.

Zephyra pensara que o apunhalaria mal ele lhe tocasse mas, assim que os lábios dele cobriram os dela, lembrou-se porque é que tinha casado com ele. Insuportavelmente arrogante, soturnamente leal e incrivelmente sensual, Stryker sempre a deixara a arder. Ninguém beijava como ele. Ninguém a tocava como ele. O corpo de guerreiro de Stryker era esculpido por músculos firmes e tensos que se moviam como água. Músculos que pediam que elas os afa-gasse e lambesse.

E, com os braços dele à sua volta, ela podia perdoar-lhe tudo.

Quase.

Zephyra empurrou-o para trás.

— Isso já não funciona comigo, sacana. Já não sou aquela menina que deixaste para trás.

Os olhos redemoinhantes dele escureceram.

— Não, não és. Ela era linda, mas tu... tu és uma deusa.

Voltando a sacar da arma, Zephyra encostou o punhal ao pescoço de Stryker, logo abaixo da maçã de Adão. Queria cortar-lhe a garganta e, no entanto, uma estranha parte de si não era capaz de

terminar a tarefa. O que é que se passava com ela? Nunca tinha hesitado.

— Não te aproximes mais.

As belas feições de Stryker provocavam-na. Pelos deuses, nunca nascera homem mais belo. As sobrancelhas negras erguiam-se sobre um par de olhos prateados e redemoinhantes. E os lábios... lembrava-se demasiado bem do prazer que lhe davam e durante quanto tempo. Stryker era um amante insaciável, hábil e atencioso. Um amante que nunca a deixara mal.

— Cortavas-me mesmo a garganta? — perguntou, a sua voz baixando uma oitava.

Zephyra manteve-se firme, apesar das emoções voláteis.

— Liberta a minha filha e logo verás.

Stryker esfregou o pescoço contra a lâmina afiada, deixando-a cortar uma linha fina na sua pele. Zephyra fitou o sangue, a boca a salivar de desejo de o provar. Aquela era uma das coisas que mais odiava em relação ao que Apolo lhes fizera. A tentação do sangue *apollite* era uma loucura que os obrigava a alimentar-se sempre que sentiam o seu cheiro. Era uma força que nenhum elemento da sua raça podia negar.

Incapaz de o suportar, afastou o punhal, agarrou em Stryker pelo cabelo e puxou-o para mais perto de si.

Stryker inspirou fundo, abruptamente, quando ela enterrou as presas na sua pele. Sentiu arrepios que lhe percorriam o corpo, ao mesmo tempo que aceitava os braços que o seguravam. A sensação da respiração dela no seu pescoço aqueceu-lhe todo o corpo.

— Pelos deuses, como senti a tua falta.

Ela mordeu com mais força, puxando o sangue para a sua boca até lhe provocar dor.

— Eu odeio-te com cada palpitação do meu coração.

Aquelas palavras magoaram-no mais do que o facto de ela se estar a alimentar dele. No entanto retirou prazer daquela dor. Merecia o ódio dela.

— Quem me dera poder voltar atrás e mudar a noite em que parti.

Zephyra afastou-se com um palavrão.

— Sempre foste um covarde.

Stryker agarrou-lhe no braço e puxou-a para mais perto.
— Nunca um covarde. Um tolo talvez, mas nunca fugi de nada.
— Se acreditas realmente nisso, és ainda mais burro do que eu pensava. Agora devolve-me a Medea.
Stryker abanou a cabeça.
— A minha filha fica comigo.
Rosnando, Zephyra lançou-se à garganta dele.
Stryker agarrou-a e manteve-a à distância.
— Continuas insensata. — Mas pior, ela era encantadora e ele desejava-a com uma loucura que tudo consumia. Stryker inclinou-se o suficiente sobre o cabelo dela para poder inalar o delicado odor a valeriana misturado com lavanda. O cheiro atingiu-o em cheio. Pelos deuses, como a desejava. — Façamos assim. Tu queres-me morto e eu quero provar-te. Que tal se resolvêssemos isto como os guerreiros que somos?
— Como assim?
— Lutaremos e, se ganhares, matas-me.
Ela inclinou a cabeça, desconfiada.
— E se eu perder?
— Dás-me duas semanas para te reconquistar. Se no final dessas duas semanas ainda me odiares, deixarei que me executes.
Zephyra gelou perante a oferta. Fitou-o desconfiada.
— Como é que sei que posso confiar em ti?
— Sou um homem de palavra. Tu, mais do que qualquer pessoa, devias saber o que a honra significa para mim. Se não te tiver reconquistado em duas semanas, então mereço morrer pela tua mão.
— Sabes que já não sou a mesma tola de joelhos fracos, incapaz de cortar a própria carne, com quem te casaste. Eu *matar-te-ei*.
— Eu sei.
— Então aceito as tuas condições. — Zephyra recuou um passo. — Agora prepara-te para morrer.
Stryker fez aparecer duas espadas gregas antigas e entregou uma a Zephyra.
Com os olhos a brilhar de raiva, Zephyra tirou-lha da mão e colocou-se em posição. Stryker saudou-a com a sua espada.
Zephyra carregou, tentando cortar-lhe a garganta. Stryker

parou a espada dela com a sua e obrigou-a a recuar. Rodopiando, trocou a espada de mão para a apanhar num golpe ascendente, quase a conseguindo desarmar. No entanto ela era rápida e forte. Como ele, mudara a espada de mão e fê-lo recuar com a ferocidade do seu ataque.

— És incrível — sussurrou Stryker, impressionado com a sua habilidade e fervor.

— Mas tu não. — Zephyra fê-lo recuar com um pontapé de tesoura e lançou a lâmina da espada na direção do pescoço dele.

Stryker sentiu o ardor do corte quando se esquivou para a esquerda e se lançou para o chão, varrendo os pés dela de debaixo do seu corpo. Amaldiçoando-o, Zephyra deu um mortal para trás, caindo de pé, antes de se lançar na direção dele com um braço esticado. Stryker sorriu mostrando o seu apreço, mantendo a pressão do seu ataque. Ela desviou-se para a esquerda, depois para a direita. Ele parou a espada dela com a sua e atirou-a para o alto, para fora do seu alcance.

Zephyra empurrou-o para trás, afundando os dentes no braço dele, depois rolou no chão para poder apanhar o punho da arma e levantar-se com a espada pronta.

Stryker praguejou, tapando a ferida no braço com a mão.

— Mordeste-me?

— Usamos o que temos. — Zephyra lançou-se sobre ele, cortando o ar.

— É um golpe tão feminino — disse ele, decepcionado com o facto de ela ter recorrido a tais táticas.

— Mas funciona. Talvez se lutasses como uma rapariga e não como um babuíno atordoado, conseguisses ganhar.

Com o braço a latejar, Stryker parou o golpe dela e empurrou-a para a esquerda. Por instinto, ergueu a mão para lhe bater no rosto, depois parou.

Jamais esbofetearia a mãe da sua filha. Jamais esbofetearia a mulher que, um dia, tinha amado mais do que a própria vida.

A hesitação saiu-lhe caro, pois Zephyra libertou a espada e abriu-lhe a pele do ombro. Silvando de dor, Stryker cambaleou para trás. Como um verdadeiro guerreiro, ela avançou, aproveitando a vantagem, batendo com a sua espada na dele, uma e outra vez.

A ferocidade do ataque dela fez mais do que magoar o seu braço ferido. Cortou-lhe profundamente o coração.

— Queres mesmo matar-me?

— Com todo o meu ser.

Sem vontade de ceder perante Zephyra, Stryker renovou o ataque, deslizando a espada por baixo da dela e arrancando-lha da mão. Esta fez um arco ascendente.

Afastando Zephyra, apanhou a espada dela e cruzou as lâminas junto ao pescoço dela.

— Cede.

Os olhos dela brilhavam de raiva.

— Odeio-te, sacana!

— E eu ganhei com toda a justiça. Aceita a derrota.

Zephyra cuspiu para o chão aos pés dele.

— Manterei a minha palavra, mas *jamais* serás capaz de me reconquistar. Acredita, dentro de duas semanas abrir-te-ei a garganta, beberei o teu sangue e, depois, cortar-te-ei o coração e rir-me-ei enquanto o teu corpo explode numa nuvem de pó.

— Linda imagética. Devias escrever para o Hallmark. — Stryker usou os seus poderes para fazer desaparecer as espadas. — Quero que saibas que lutei contra ti de forma justa. De igual para igual. Podia ter usado os meus poderes contra ti mas não o fiz.

Zephyra dirigiu-lhe um aplauso muitíssimo sarcástico.

— Devia pôr o forno a aquecer e preparar uma fornada de biscoitos para o meu herói?

Stryker suspirou fundo.

— Tenho um longo trabalho pela frente no que te diz respeito, não tenho?

— Na verdade, não. Odeio-te hoje. Odiar-te-ei amanhã. Que me dizes a não perdermos tempo? Dá-me a espada e deixa-me cortar-te já a garganta. Disseste-me, certa vez, que morrerias por mim. Que tal manteres essa promessa?

Stryker escarneceu do rancor dela.

— Porquê manter agora uma promessa quando já quebrei tantas?

Aquela afirmação deu nova cor ao rosto de Zephyra, ao mesmo tempo que os seus olhos brilhavam de raiva.

— Tal como eu pensava. Um mentiroso e um covarde. Não te submeterás a mim dentro de duas semanas, pois não?

— Isso não é uma questão de promessas. É uma questão de honra. Eu nunca sacrifiquei a minha honra por ninguém.

— Não, apenas o teu amor — disse Zephyra em tom de desprezo. — Diz-me uma coisa, Strykerius. Valeu a pena?

Aquela era a pergunta mais importante na vida, não era? Uma das sacerdotisas que cuidara dele, em criança, dissera-lhe certa vez que os maiores arrependimentos são as coisas que não se fizeram. E tinha razão. Como desejava nunca ter deixado Zephyra.

O coração de Stryker suavizou-se ao recordar o passado.

— Tive dez filhos lindos. Fortes. Determinados. E amei-os a todos. Como é que o poderia lamentar?

— E a tua esposa? O que lhe aconteceu?

Também ela fora linda. Dócil e calma. Nunca se lhe opusera. Uma verdadeira dama do mundo antigo.

— Ela era obediente e fiel. Jamais sujaria a honra ou insultaria a mãe dos meus filhos.

Os olhos de Zephyra flamejaram ainda mais escuros. Stryker tinha-a ferido sem qualquer intenção.

E jamais lhe tiraria o que existira entre eles.

— Mas ela não eras tu, Phyra. Nem no rosto, nem na forma, nem na paixão. Tu sempre foste a minha luz na escuridão.

Zephyra aproximou-se dele, lentamente. Cuidadosamente.

Com o ombro ainda a latejar e a sangrar, Stryker ficou tenso, esperando que ela o atacasse. Erguendo o braço, Zephyra afundou a mão no cabelo dele e puxou os lábios na direção dos seus, para lhe poder dar um beijo tão feroz e ardente que lhe incendiou o sangue. O corpo dele despertou com um rugido, quando ele lhe correspondeu com cada parte de si que sentira a falta dela.

Rosnando, Zephyra afastou-se e fitou-o furiosa antes de o empurrar.

— Isto foi só para te lembrar daquilo que deixaste para trás. O meu coração está morto com a exceção de Medea. Só ela guarda essa parte de mim.

— Então libertá-la-ei.

Zephyra fungou, desdenhosa.

— Os teus truques não funcionam comigo.

— Nada de truques. Tu deste-me a tua palavra e eu confio em ti. Confio que respeitarás os teus termos e, por isso, devolvo-a à tua custódia.

Zephyra semicerrou os olhos, não confiando em Stryker por um minuto que fosse. Ele era mais esperto do que qualquer outro homem que alguma vez conhecera. Astuto. Sabia como manipular as pessoas para fazerem o que ele queria. Sempre assim fora.

Todos com exceção do inútil do pai.

Mais belo do que qualquer um dos deuses, o seu Strykerius tinha, outrora, feito arder o seu corpo com uma sensualidade insaciável. Agora só sentia raiva e ódio.

Era tão estranho vê-lo com aqueles olhos redemoinhantes. Em mortal, os olhos dele eram do azul mais límpido. Ela quisera ter filhos e filhas com aqueles olhos para a recordar do quanto o amava.

Os olhos de Medea eram verdes como os dela e, enquanto eram mortais, tinha agradecido aos deuses por essa pequena bênção. Até à noite em que Apolo amaldiçoara todos os membros da sua raça porque um grupo de soldados atlantes assassinara a sua amante grega e o seu filho bastardo.

Tudo acontecera no sexto aniversário de Medea e, enquanto o celebravam, Zephyra viu os olhos da filha ficarem pretos. Sem saber, na altura, o que provocara a maldição, Zephyra tinha apertado a filha nos braços enquanto esta vomitava a comida e começava a desejar sangue.

Quando Zephyra compreendeu o que lhes tinha sido feito — ao que tinham sido condenados —, passara a odiar tudo o que estava relacionado com Stryker e com o seu pai, Apolo.

— Diz-me. Ainda adoras o teu pai?

Um nojo amargo brilhou nas profundezas dos olhos dele.

— Odeio-o com cada bater do meu coração.

— Então, pelo menos, temos uma coisa em comum.

— Também temos uma filha.

Zephyra revirou o lábio perante tal audácia.

— Não. *Eu* tenho uma filha. Não vou deixar que reclames Medea quando nunca estiveste presente. Ela é minha.

Stryker abanou a cabeça.

— Os filhos têm vontade própria. Não importa o quanto os amamos nem o quanto tentamos, eles farão o que muito bem entenderem. Que se lixem os pais.

— No teu caso, isso não foi verdade, pois não?

Stryker estremeceu perante a evidência.

— Eu era apenas um rapaz, Zephyra. O meu pai ter-me-ia matado e a ti se eu tivesse recusado seguir o seu plano. Ou, pelo menos, ter-nos-ia amaldiçoado.

— Ele amaldiçoou-nos na mesma, não foi?

— Sim e eu vi todos os filhos e netos que tive a decaírem e a desaparecerem perante os meus olhos. Segurei nos braços a minha filha enquanto ela gritava por uma misericórdia que ainda demoraria várias horas a chegar. Deveria tê-la matado e poupado a isso, mas eu era jovem e não parava de desejar que ela se transformasse num *daemon* como os irmãos. Mas ela recusou-se até se ter, por fim, transformado em pó. Um a um, todos os membros da minha família pereceram e sofreram. Agora não tenho nada. Ninguém.

Zephyra queria insultá-lo pelos seus lamentos efeminados. No entanto, a verdade é que estes tocavam numa parte de si que tinha reservado apenas para a filha. Desejava reconfortá-lo pelas suas perdas. O seu maior receio tinha sido ver a filha envelhecer e morrer.

Felizmente, Medea era mais forte do que isso.

— A Medea tem filhos?

Zephyra fortaleceu-se contra a dor que aquela pergunta inocente evocava. As memórias amargas que ardiam no fundo de si.

— Teve um filho. Mais belo do que qualquer bebé algum dia nascido. Praxis era amoroso e doce. Sempre a rir. Sempre a abraçar.

— Onde é que ele está agora?

Zephyra expulsou a emoção da voz.

— Morto.

Os olhos de Stryker escureceram perante a resposta seca.

— O marido?

— É irónico, na verdade. Contra os meus desejos, ela e o marido tornaram-se membros do Culto de Pólux. — Tratava-se de *apollite* que acreditavam que não deviam fazer nada para evitar a

maldição de Apolo. Viviam pacificamente entre os humanos, esperando por uma morte horrível no dia do seu aniversário. Todos os membros do culto tinham feito um voto de não magoar qualquer ser humano ou qualquer outra forma de vida.

— O marido foi morto pelos mesmos humanos furiosos que temiam as suas presas. Ele tentou distrair os humanos para que ela e o filho pudessem fugir para um lugar seguro. Espancaram-no e arrancaram-lhe o coração do peito, depois capturaram-na e torturaram-na durante dias. Arrancaram-lhe o filho dos braços e mataram-no à sua frente. — Uma raiva indignada ardia dentro dela. — Ele só tinha cinco anos. E também a teriam matado se eu não a tivesse encontrado a tempo. Foi o que fez dela a guerreira que é agora. Medea odeia os humanos pela sua crueldade, tanto quanto eu. São animais que não servem para mais nada a não ser para abate e eu gosto imenso de desempenhar o papel de talhante.

Stryker compreendia aqueles sentimentos. Tinha sido testemunha da crueldade humana contra o seu povo e as crianças. Era por isso que não tinha qualquer simpatia pela humanidade. Era por isso que não lhes mostrava misericórdia. Porque haveriam os homens de viver em paz, enquanto o seu povo não tinha futuro?

No entanto as palavras dela deixaram-no confuso, olhando em redor do templo de pedra, cujas paredes estavam decoradas com cenas pacíficas de mulheres a dançar com veados. Era ali que as adoradoras humanas de Ártemis lhe prestavam tributo.

— No entanto vives aqui, entre eles?

— Apenas um grupo restrito. Servas de Ártemis que nos dão abrigo quando precisamos. Há séculos que nos protegem, por isso deixamo-las viver.

Stryker franziu o sobrolho.

— Porque haveria a deusa de fazer isso?

— Ártemis sempre foi boa para nós. E, em troca da sua proteção, faço alguns serviços em seu nome.

— Como, por exemplo?

— Matar-te.

Uma certa diversão tremeluziu nos olhos de Stryker, enquanto este se aproximava de Zephyra.

— Voltámos a isso, foi?

— Vamos sempre voltar a isto.

— É justo. — Stryker suspirou. — Vamos, Phyra, vamos buscar a tua filha. — Stryker estendeu-lhe a mão.

Zephyra ergueu o lábio numa expressão de repugnância.

— Podes guardar *isso* — escarneceu, referindo-se à mão que ele lhe estendia — para ti.

Stryker censurou-a.

— Tempos houve em que terias beijado a palma da minha mão com uma ternura apaixonada. Mas, para ser sincero, tenho de dizer que estou surpreso contigo. Um inimigo inteligente teria beijado a minha mão, apunhalando-me pelas costas quando eu estivesse distraído.

Zephyra riu-se, ao mesmo tempo que lhe afastava a mão.

— Uma ação covarde. Realmente. Não nos insultes a ambos com uma tal sugestão. Não acredito em ataques mesquinhos e infantis. Vou atrás do que quero e, quando se trata da vida de um inimigo, não pretendo que este tenha qualquer dúvida quanto à minha intenção. Se mereces o meu ódio, mereces que te faça saber que vou atrás de ti.

Stryker sorriu perante aquelas palavras furiosas, sentindo-se grato por lhas ouvir.

— O código de um verdadeiro guerreiro. — Respeitava-a ainda mais por isso. — Pega na minha mão, Zephyra.

Zephyra cuspiu-lhe.

Sem se mostrar divertido, Stryker agarrou nela e puxou-a para mais perto de si. Queria estrangulá-la por causa da sua teimosia. Quase tanto quanto a queria beijar.

— Vou esventrar-te — avisou ela.

Stryker limpou o cuspo na saia dela ao mesmo tempo que ela lhe batia na mão.

— Desde que o faças nua, não terás qualquer objeção da minha parte.

— És um porco sem fé. — Avançou para lhe bater de novo.

Stryker agarrou a mão dela na sua e suportou o olhar de desafio de Zephyra.

— E tu és uma linda megera. Uma megera que se deveria sentir grata por eu me estar a sentir suficientemente nostálgico para

não lhe fazer o mesmo que faria a qualquer outra pessoa que me cuspsisse.

Zephyra susteve a respiração ao ver a fúria crua nos olhos dele. Stryker estava a um passo de a agredir e, embora uma parte dela quisesse que ele o fizesse, a sua contenção espantou-a. No mundo em que tinham nascido, o homem tinha o direito de bater numa mulher. No entanto, ele refreara-se de lhe bater com a mão, mesmo durante o combate.

Mesmo no ano em que tinham estado casados, na Grécia Antiga, ele nunca a magoara. Nunca levantara sequer um dedo contra ela, embora se mostrasse implacável com outros. Era o que ela mais gostava nele.

Stryker fizera com que ela se sentisse segura. Protegida. Se alguém olhasse, sequer, de lado para ela, Stryker esventrá-lo-ia.

Zephyra sentia a falta desse rapazinho tonto, cujos olhos tinham brilhado de amor mal olhara para ela.

O homem à sua frente era formidável. Não se tratava de um jovem imberbe a tentar agradar-lhe. Stryker era um guerreiro experiente com onze mil anos de treino de sobrevivência. De comando de um exército de malditos que travavam uma guerra contra a humanidade e os Predadores da Noite imortais que a protegiam.

Embora Zephyra tivesse desejado matar Stryker muitas vezes ao longo dos séculos, nunca tinha sido capaz de chegar perto dele, até então. Durante todos aqueles anos, ele tinha estado enfiado em Kalosis e a única forma de lá entrar era mediante um convite de Stryker ou Apollymi.

Enquanto servisse Ártemis, Apollymi não teria nada a ver com ela. E pedir a Stryker que a deixasse entrar arruinaria o efeito surpresa.

No entanto, a reputação dele entre o seu povo era lendária. Os *apollite* adoravam-no e ao seu bando de guerreiros Spathi lendários. Até ela o respeitava pelas suas batalhas.

No entanto, isso não alterava o que ele, Stryker, lhes tinha feito, a ela e a Medea. Até àquele dia, Zephyra conseguia vê-lo a virar-lhe as costas e a sair da cabana onde viviam para ficar com a mulher que o pai desejava para sua esposa. No entanto, ela ti-

nha-lhe dado a sua palavra antes de lutarem e maldita fosse se a ia quebrar. Zephyra era melhor do que isso.

— Odeio o teu cabelo preto — rosnou ela antes de lhe agarrar a mão.

Stryker riu da sua capitulação e da farpa que lhe lançara. Zephyra não ia ceder e não hesitava em fazê-lo saber. Fechando a mão em redor da dela, levou-a para Kalosis, onde era senhor.

Mal se viram em segurança, no reino infernal, Zephyra afastou a mão da dele, virando-se para observar a sala escura onde ele governava sobre todos os *daemones* que chamavam lar àquele local.

— Bastante soturno, não achas?

— Para mim, serve.

Zephyra não teceu qualquer comentário quando se voltou para olhar de novo para Stryker.

— Onde está Medea?

— Nos meus aposentos. Vem comigo, vou levar-te até ela.

WAR fez uma pausa quando se materializou no corredor das tra-seiras de uma mansão que o fazia pensar numa antiga *villa* grega. As portadas cinzentas-escuras estavam fechadas contra o sol inclemente que deslizava por entre as ripas iluminando o espaço onde corria uma brisa ligeira. Nas paredes brancas pendiam fotografias de um jovem e de uma mulher muito atraente de cabelo louro e sorridentes olhos azuis.

O estranho som de uma música que não lhe era familiar deslizava pelas paredes, por entre o som de risos e carros no exterior. No interior, contudo, não havia risos. Tudo estava silencioso e quieto.

Fechando os olhos, War analisou a casa com os seus poderes, até encontrar aquele que tinha sido enviado para matar.

Nick Gautier.

Este, contudo, não estava só. Havia uma mulher deitada na cama com ele. Ambos estavam nus. Ambos suados do sexo.

Há séculos, War teria matado a mulher sem hesitar.

Sem dúvida que ainda o devia fazer...

Baixando a cabeça, atravessou as paredes até chegar ao quarto onde uma grande cama de dossel os acolhia a ambos. Estavam

entrelaçados nos lençóis de seda preta. Uma bandeja com uma garrafa de vinho, meio vazia, estava pousada na mesa de cabeceira, onde também se encontravam rosas vermelhas, espalhadas como se tivessem sido atiradas.

O homem, Nick, estava deitado por cima da mulher, mordiscando-lhe as costas, enquanto ela traçava círculos nas dele. O cabelo castanho, pelos ombros, escondia o rosto do homem. A mulher, contudo, era linda. O longo cabelo preto estava espalhado sobre as almofadas, enquanto ela arqueava as costas e mantinha os olhos firmemente fechados.

War parou a ver aquele corpo nu e escultural. Há séculos que não provava uma mulher. Não sentia uma carícia desde...

Só de pensar naquela cabra, perdeu completamente as estribeiras. Desejoso de sangue, encurtou a distância que os separava. Agarrou em Nick pelo pescoço e atirou-o contra a parede.

— Sai — ordenou à mulher, que se encolheu com um grito.

— Vai, Jennifer. Já!

Ela não hesitou. Enrolando o lençol à sua volta, saiu atabalhoadamente da grande cama de dossel e correu para a porta.

Gautier endireitou-se para fitar War. O rosto, com a marca de um duplo arco e flecha, apresentava uma barba de três dias. Aquele era o sinal de Ártemis.

War franziu o sobrolho perante a sua presença. E o seu significado.

Não que isso importasse. Tinha nascido para irritar os deuses.

— Quem diabo és tu? — perguntou Nick. Estendendo os braços, fez com que surgissem roupas sobre o seu corpo.

War riu.

— Chama-me Morte.

— Sem ofensa, mas preferia chamar-te patético. — Esticou uma mão.

War emitiu um som de censura quando viu os *shurikens* lançados na sua direção.

— E ainda me chamas patético.

Teletransportou-se através da sala e agarrou em Gautier pela garganta, ao mesmo tempo que os *shurikens* se enterravam, ino-

fensivos, nos postes da cama. War ergueu-o do chão e segurou-o contra a parede.

Nick engasgou-se, enquanto tentava libertar-se do homem que o atacava.

— O que é que tu és?

— Já te disse. Sou a Morte. Agora sê um bom rapazinho e morre.

A respiração de Nick tornou-se mais rápida.

War fê-lo embater contra a parede mais três vezes, tentando esmagar-lhe a traqueia. O gesso na parede estalou, desenhando o padrão de uma teia de aranha. Os golpes de War fizeram estalar os lábios de Nick e os nós dos dedos da mão que o segurava, fazendo com que o sangue de ambos se misturasse. War apertou-o com mais força, esperando que a luz desaparecesse dos olhos de Nick enquanto este morria.

Não desapareceu. Em vez disso, o vermelho deslizou pelas pupilas negras de Nick, tornando-as cor de sangue antes de se espalhar pela prata redemoinhante da sua íris.

Antes que War se conseguisse mexer, Gautier bateu com uma mão no braço dele, libertando-se.

Em choque, War cambaleou para trás.

A pele de Nick escureceu. Arquejando, Nick olhava para War.

— O que é que me está a acontecer? O que é que fizeste?

War atacou.

Gautier bloqueou o murro com um braço. Depois desferiu uma feroz cabeçada em War. Este cambaleou para trás, ao mesmo tempo que compreendia o impossível.

Estava prestes a levar uma valente tarefa.

STRYKER só tinha dado dois passos na direção do seu quarto, com Zephyra, para libertar Medea, quando uma luz brilhante iluminou o corredor. Ninguém deveria ser capaz de violar a santidade daquele corredor sem um convite da sua parte...

Franzindo o sobrolho, virou-se e descobriu War, que parecia extremamente irritado quando surgiu à frente deles.

— Passa-se alguma coisa? — perguntou a War.

— Passa-se alguma coisa? — repetiu o espírito. — Decerto não és assim tão estúpido, pois não?

— Parece que sim porque, a menos que Acheron e Nick estejam mortos, não consigo pensar em motivo algum para a tua presença aqui.

War avançou lentamente na direção dele, as narinas abertas.

— Mortos? Seu tolo, és mesmo assim tão estúpido?

Stryker semicerrou os olhos, sentindo que a raiva começava a arder.

— Pelo menos não estou a perder tempo com insultos repetitivos. Explica-te ou sai.

— Como queiras. Deixa-me dizer isto de maneira a que até um imbecil consiga compreender. Quando me invocaste, esqueceste-te de me comunicar alguns factos de extrema importância. Acheron não é apenas um deus. É um Chtoniano, protegido por outro Chtoniano e um exército Charonte.

Cruzando os braços sobre o peito, Stryker soltou a respiração numa demonstração de impaciência. Porque é que isso seria importante para um ser como War? Fora por isso que Stryker o escolhera. Se Acheron não fosse tão difícil de matar, já o teria feito há séculos.

— Tu foste criado para atar os Chtonianos. Isso não deveria representar um problema.

— Devias ter-me avisado.

Como se isso fosse importante?

— Pormenores triviais. Pensei que eras capaz de dar conta do recado.

— Posso matá-lo. Só que vou demorar mais tempo.

— E...?

— E também te esqueceste de me falar de Nick Gautier.

— O que é que ele tem? É um Predador da Noite. Um humano miserável que vendeu a alma a Ártemis para servir no seu exército. Decerto o grande War não tem medo de alguém como ele.

War escarneceu.

— Predador da Noite, o tanas. O Gautier é um Malachai, seu filho da mãe idiota.

Stryker eriçou-se com o insulto.

— Um quê?

— Um Malachai — repetiu Zephyra, o tom da sua voz reverente. — Tens a certeza?

War virou o seu olhar escuro para ela e acenou.

— Em todo o universo, um Malachai é a única coisa que *me* pode matar.

Stryker emitiu um som de desagrado no fundo da garganta.

— Só podes estar a brincar comigo. Pensei que vocês eram os seres mais poderosos. Até os deuses vos temem.

— Todos temos predadores — rosnou War. — O universo inteiro existe num sistema de equilíbrios. Acabei de me deparar com o meu balanço zero.

Stryker praguejou.

— Estás realmente a dizer-me que a criatura mais poderosa deste planeta é um patético cajun das sarjetas que se matou porque um dos meus homens lhe matou a mamã?

O sarcasmo da sua voz era igual ao de War.

— A menos que tenhas um Sephiroth à mão, a apanhar banhos de sol por aí algures, sim.

— Que raio é um Sephiroth?

Zephyra riu, aproximando-se dele e pousando-lhe a mão no ombro.

— Stryker, pobre pequeno, tens estado a viver neste buraco há demasiado tempo.

— O que queres dizer com isso?

— O que quero dizer com isso, querido, é que se queres esse Gautier morto, tens de vir falar com a mamã. Parece que o teu poder negocial sobre mim acabou. Ohhh, querido, isto agora vai ficar bom.